Globethics Repository




# A luz da morte ilumina aquilo que é essencial [The light of death illuminates what is essential]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

| | |
|---|---|
| Item Type | Article |
| Authors | Junges, Márcia |
| Publisher | Instituto Humanitas Unisinos - IHU |
| Rights | With permission of the license/copyright holder |
| Download date | 2026-11-13 21:10:55 |
| Link to Item | http://hdl.handle.net/20.500.12424/161206 |

# A luz da morte ilumina aquilo que é essencial

O distanciamento criado em torno da morte revela a falta de comprometimento com nossa existência. Devemos retomar nosso projeto de vida como autêntico e único, com responsabilidade, reflexão e cuidado, afirma Sofia Dreher

Por Márcia Junges

"Educar as pessoas para a morte não é um movimento de formar pessoas temerosas e horrorizadas frente a ela, mas sim de retirar as pessoas da inércia em que vivem e fazê-las ver aquilo que é essencial, que urge ser cuidado, suas próprias vidas. Retomar as rédeas de suas vidas requer autenticidade, responsabilidade, reflexão e cuidado", reflete a musicoterapeuta Sofia Dreher, na entrevista exclusiva a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo ela, "podemos entender o evento da morte como um processo de crescimento quando somos confrontados com a nossa finitude e quando esse evento nos chama a reflexão sobre a nossa existência". Infelizmente, a morte passou a ser um tema proibido, e as pessoas calam sobre ela, exceto quando esta se torna um "evento midiático". Dreher analisa, também, o culto à beleza e juventude, que tentam cada vez mais nos distanciar da morte.


Divulgação

Bacharel em Musicoterapia pela FAP-PR, Dreher é especialista em Comunicação e Semiótica: teoria e crítica da sociedade de informação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Tem mestrado em Filosofia pela Unisinos, com a tese *Sobre a dignidade humana no processo do morrer*. Além disso, leciona no Bacharelado em Musicoterapia na Escola Superior em Teologia (EST) e atua clinicamente nas cidades de São Leopoldo, Sapucaia e Novo Hamburgo.

**IHU On-Line - Por que as pessoas têm tanto medo da morte?**
**Sofia Cristina Dreher -** Assim como o sexo era considerado um tabu em tempos atrás, hoje a morte passou a ser um tabu. As pessoas não ousam pronunciar o seu nome e àqueles que tentam introduzir o assunto sobram represálias. Salvo quando a morte se transforma em um evento midiático. Falar desse evento é mais fácil precisamente porque se trata da morte de um outro, de um estranho, e só contribui para uma maior banalização da morte. No entanto, falar de nossa própria finitude é dialogar com a nossa própria existência. Vivemos em tempos de culto à beleza e à eterna juventude. Fazemos de tudo para aparentarmos jovialidade e distanciarmos o evento da morte. Esse distanciamento que criamos sobre a constatação de que somos seres finitos também se reflete numa falta de comprometimento com a vida. Existe a responsabilidade de se ter um projeto de vida autêntico e único e que possa dar um sentido as nossas vidas, bem como de um prazo para executá-lo. O medo da morte provém justamente dessa constatação de que a nossa subjetividade perde sentido no evento da morte. Levamos uma vida inteira para construirmos uma identidade, uma subjetividade e de repente somos todos igualados, precisamente porque todos morremos um dia.

**IHU On-Line - No caso de doentes terminais, qual é a justificativa em manter a pessoa viva se a morte virá com certeza?**
**Sofia Cristina Dreher** - Primeiramente, se torna importante esclarecer que a decisão em manter o doente terminal ligado a aparelhos ou não é tomada num diálogo conjunto entre equipe médica e familiares. Para que essa discussão possa dar início, o paciente deve se encontrar fora de possibilidades terapêuticas (FDP), ou seja, quando não existe mais possibilidade de retrocesso da doença ou do quadro instalado. A partir desse entendimento e consentimento dos familiares, entra em cena um outro tipo de paradigma da saúde, não mais o pautado na cura, mas sim no cuidado. O fato desse paciente não precisar mais de procedimentos invasivos e que só prolongam o evento da morte iminente não significa que ele não precise mais de cuidados médicos. A dor precisa ser controlada, e o apoio emocional e espiritual ganham força. Entramos, então, nos Cuidados Paliativos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), Cuidado Paliativo é o cuidado ativo total dos pacientes cuja doença não responde

mais ao tratamento curativo. O controle da dor e de outros sintomas e o cuidado dos problemas de ordem psicológica, social e espiritual são o mais importante. O objetivo do cuidado paliativo é conseguir a melhor *qualidade de vida* possível para os pacientes e suas famílias.

**IHU On-Line - Pode-se falar em morrer dignamente? O que seria isso?**
**Sofia Cristina Dreher -** Morrer dignamente significa deixar a vida seguir o seu curso normal, ou seja, a morte no seu tempo certo, sem abreviá-la (eutanásia) ou prolongá-la (distanásia). Esse é o entendimento da ortotanásia. Quando o doente terminal se encontra fora de possibilidades terapêuticas, precisamos evitar que a obstinação terapêutica em manter a vida artificialmente seja introduzida. Da mesma forma, precisamos estar muito atentos na evolução do quadro clínico e termos a certeza de que aquele paciente se encontra fora de possibilidades terapêuticas, evitando assim uma abreviação da vida. Dois personagens de nossa história recente nos deixaram exemplos sobre o respeito perante a constatação da sua própria morte, bem como pela recusa de tratamentos fúteis.[1] Mário Covas,[2] ainda enquanto governador do estado de São Paulo, promulgou uma lei estadual para regulamentar o pedido de recusa de tratamentos fúteis. Na artigo 2º da lei de n. 10.241, de 17 de março de 1999, consta que: são direitos dos usuários dos serviços de saúde no Estado de São Paulo: XXIII — recusar tratamentos dolorosos ou extraordinários para tentar prolongar a vida; e XXIX — optar pelo local de morte. Assim como Mário Covas, o Papa João Paulo II[3] também se recusou a receber os tratamentos extraordinários e optou por morrer na sua casa, longe do ambiente frio e impessoal de um hospital. O exemplo da recusa de tais tratamentos, bem como do respeito pela decisão do sujeito de querer morrer em sua casa, vai ao encontro do contexto da ortotanásia. O prefixo grego *ortós* quer dizer correto, ou seja, é a morte digna, sem abreviações desnecessárias e sem sofrimentos adicionais, é a morte no seu tempo certo. Para o teólogo Marciano Vidal, a ortotanásia é uma síntese ética do direito de morrer com dignidade e do respeito pela vida humana.[4]

**IHU On-Line - Em que aspectos a morte nos faz crescer?**
**Sofia Cristina Dreher -** Para o filósofo Karl Jaspers,[5] a morte é considerada uma situação-limite. Para ele, situações-limite são todas aquelas situações as quais não podemos escolher, que nos colocam em confronto com a morte e nos fazem refletir sobre a nossa existência, sobre o significado que estamos dando a nossa vida. "Jaspers chama a estas condições, que nenhum ser humano pode escolher, mas às quais, por meio da existência, há de dar um significado, situações-limite."[6] Podemos entender o evento da morte como um processo de crescimento quando somos confrontados com a nossa finitude e quando esse evento nos chama a reflexão sobre a nossa existência. Essa reflexão só se dá através dessas situações-limite tais como a morte de um ente querido; um acidente de carro, a notícia de uma doença grave; entre outros exemplos. É a partir desse confronto, com a percepção de que nós também vamos morrer um dia, que somos convidados a refletir sobre o rumo que estamos dando a nossa vida, bem como da responsabilidade em dar a ela um significado único e autêntico. O grande desafio não está na elaboração desse projeto de vida, mas sim na realização do mesmo.

**IHU On-Line - Como morte e resiliência estão imbricadas?**
**Sofia Cristina Dreher -** Resiliência é a capacidade que o ser humano tem de superar os impactos resultantes de uma experiência traumática vivida e de sair fortalecido dessa mesma situação. É comum escutarmos entre as pessoas que um determinado evento foi um aprendizado em sua vida ou mesmo que sempre procuram tirar uma lição de cada relacionamento, de cada evento. Também dessa forma, a morte de um ente querido ou o confronto com a nossa própria finitude nos convida a refletir sobre essa experiência traumática, buscando significações e um fortalecimento para prosseguir. Isso não significa voltar a viver imerso numa rotina que nos afasta de um diálogo com nós mesmos, mas, a partir dessa reflexão, colocar em prática um projeto de vida que dê sentido a nossa existência.

**IHU On-Line - De que forma a família e o doente terminal demonstram resiliência nesses momentos que antecedem a morte?**
**Sofia Cristina Dreher -** Entendo que a resiliência é demonstrada após a morte. É justamente a capacidade de se recompor após uma experiência de estresse, de tensão. É o momento de refletir a partir do evento ocorrido, sobre a significação desse evento, sobre a nossa existência, sobre um projeto de vida e dessa forma, re-começar, re-criar a vida, re-compor a sua história.

**IHU On-Line - Que relações você estabelece entre a morte e a dor de**

1 A expressão "tratamento fútil" (*futility*), diagnóstico ou terapêutico, adquiriu carta de cidadania na literatura médica norte-americana ao longo da década de 1980. Isso aconteceu em razão do crescimento exponencial da capacidade da medicina de intervir no corpo do ser humano e de adiar indefinidamente a morte. O surgimento das chamadas técnicas de suporte de vida a partir dos anos 60 aumentou a manipulação da morte até limites pouco inusitados e levantou o problema de até quando intervir no corpo de uma pessoa que se encontra numa situação de vida profundamente comprometida. [...] Segundo Diego Garcia, o termo entrou na área da ética biomédica a partir da moral católica, por obra de um ex-jesuíta norte-americano, Albert R. Jonsen. Na perspectiva da moral católica, é bastante fácil considerar fúteis todas aquelas práticas que tenham caráter extraordinário ou desproporcionado. A expressão futilidade, com efeito, começou significando isto, e sendo, portanto, um termo técnico para designar o que é aplicado num paciente e não produz um benefício, mas um dano. PESSINI, Léo. *Distanásia*: até quando prolongar a vida? (São Paulo: Centro Universitário São Camilo; São Paulo: Loyola, 2001, p. 150/151). (Nota da entrevistada)

2 **Mário Covas Júnior** (1930-2001): engenheiro e político brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Papa João Paulo II** (1920 - 2005): Karol Wojtyla, foi eleito papa no dia 16 de Outubro de 1978. Ele sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. Sobre ele, confira a edição nº 135 da **IHU On-Line**, de 04-04-2005, intitulada *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis e João Paulo II. Balanço e perspectivas*. (Nota da **IHU On-Line**)

4 VIDAL, Marciano. *Eutanásia*: um desafio para a consciência (Aparecida: Santuário, 1996, p. 98). (Nota da entrevistada)

5 **Karl Jaspers** (1883-1969): filósofo existencialista alemão. Acreditava que a filosofia não é um conjunto de doutrinas, mas uma atividade por meio da qual cada indivíduo pode se conscientizar da natureza de sua própria existência. Sobre ele, confira o artigo intitulado "Imaginar a paz ou sonhá-la?", publicado na **IHU On-Line** edição nº 49, de 24-02-2003, e uma entrevista na edição nº 50, de 10-03-2003. (Nota da **IHU On-Line**)

6 HERSCH, Jeanne. *Karl Jaspers*. Brasília: UNB, 1982, p. 21. (Nota da entrevistada)

**quem perdeu o ente querido?**

**Sofia Cristina Dreher** - Norbert Elias[7] já dizia que a morte é problema dos vivos. Pois para aqueles que já partiram não existe mais um problema, apenas para aqueles que ficaram e continuam vivendo. A dor que provém da perda só existe porque amamos. Não existe amor sem sofrimento, mas é apenas ele, o amor, que pode curar as feridas da perda. Se levamos vinte anos para nos tornarmos alguém e aprendermos a dar os primeiros passos no exercício de amar, deveríamos também ter vinte anos para nos prepararmos para a morte, para a perda. Lidar com o sofrimento não é algo fácil e prazeroso. Crescimento, sim, esse é o prêmio, a recompensa que é dada àquele que se dispõe a enfrentar uma reflexão e uma convivência com a perda. Rubem Alves diz que a luz da morte ilumina apenas aquilo que é essencial. Essa é a verdade, a revelação que a morte nos ensina. Educar as pessoas para a morte não é um movimento de formar pessoas temerosas e horrorizadas frente a ela, mas sim de retirar as pessoas da inércia em que vivem e fazê-las ver aquilo que é essencial, que urge ser cuidado, suas próprias vidas. Retomar as rédeas de suas vidas requer autenticidade, responsabilidade, reflexão e cuidado.

"Mulheres, homens e crianças: tanta luta, tanto desejo de acertar, tanto desânimo vencido, tanto frêmito de beleza, tanto anseio por explicações, tanta esperança renovada. De repente nos informam: quem mais amamos foi marcado, chegou a sua hora: ou nós estamos doentes e vamos morrer; ou alguém muito próximo morre sem que nada nos tivesse preparado — cai como um pássaro atingido. Não tivemos nem tempo de pensar que estávamos vivos, e que era uma tão grande urgência ser bom, ser decente, ser pensativo, ser paciente, ser curioso, ser cansado, ser decepcionado, ser frustrado, ser generoso, ser amoroso, ser humano."[8]

7 **Norbert Elias** (1897-1990): sociólogo alemão. De família judaica, teve de fugir da Alemanha nazista exilando-se em 1933 na França, antes de se estabelecer na Inglaterra onde passará grande parte de sua carreira. Suas obras focaram a relação entre poder, comportamento, emoção e conhecimento na História. Sua obra mais importante é *O processo civilizatório*. (Nota da **IHU On-Line**)

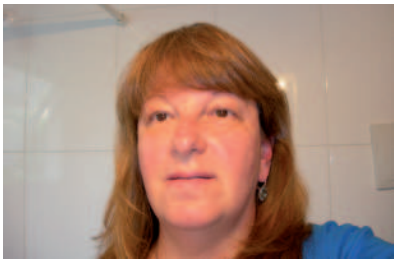
8 LUFT, Lya. *O rio do meio*. São Paulo: Mandarim, 1996, p. 126. (Nota da entrevistada)

# Como lidar com a morte? A ajuda das crenças e das práticas religiosas

Para Laura Yoffe, as crenças religiosas sobre a vida, a morte, a dor e o sofrimento são recursos que ajudam as pessoas a outorgarem sentido à morte e à perda de seu ser querido

Por Márcia Junges

Divulgação



"O conceito de enfrentamento implica a possibilidade de reconhecer os próprios recursos úteis, tanto para a tomada de decisões quanto para a escolha de estratégias para a solução dos problemas presentes nas situações de doença, morte e luto pela perda de seres queridos. As pessoas religiosas e/ou espirituais que assumem uma atitude ativa ganham ao buscar apoio social, baseando-se em sua fé religiosa, em sua confiança em Deus, em Cristo, na Virgem Maria, no Espírito Santo ou deidades e em outros santos para poder transformar seus estados e sentimentos negativos em estados positivos." A afirmação é de Laura Yoffe, doutoranda em Psicologia, na entrevista que segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ela ainda declara que "uma atitude religiosa e/ou espiritual é a de confiar em um Deus compassivo que ajudará a sair da situação de dor, isolamento e desesperança, permitindo agir com paz, otimismo e esperança, confiando que haverá uma saída da dor e da angústia, em que o tempo ajudará a curar as feridas, e a sair do luto mais fortalecido, com uma atitude mais amorosa e compassiva consigo mesmo e com os demais".

O conteúdo desenvolvido nesta entrevista por Laura Yoffe faz parte do tema que ela trabalha em sua tese de doutorado em Psicologia, intitulada "A influência das crenças e das práticas religiosas e espirituais em situações de perda (por morte) de seres queridos". Ela está sendo orientada pelo Dr. Darío Páez (Universidad del Pais Vazco de Espania) e pela Dra. Elena Zubieta (Conicet, Universidade de Buenos Aires, Argentina). A tese está atualmente em processo de finalização e tem sido desenvolvida na Universidad de Palermo de la Ciudad Autonoma de Buenos Aires, Argentina.

**IHU On-Line - Quais são os principais recursos de afrontamento com os quais o sujeito pode afrontar situações de perda por morte de um ente querido?**

**Laura Yoffe** - Diante de distintas situações de perda por morte de um ser querido, os sujeitos religiosos e/ou espirituais podem contar com recursos de afrontamento que lhes são oferecidos pela sua fé, suas crenças e suas práticas religiosas e espirituais, as quais podem estar enraizadas, ou não, em um determinado credo religioso (como o catolicismo romano, o judaísmo, o budismo etc.), em um grupo, uma tradição ou uma escola espiritual. As crenças religiosas sobre a vida e a morte, a dor e o sofrimento, e mais além, a tarefa da alma